BACHET de MÉZIRIAC, Claude-Gaspar. *De la traduction [1635]. Introduction et bibliographie de Michel Ballard*. Artois Presses Université (Collection "Traductologie"), 1998, 108 págs.

Alain Mouzat*

Da coleção *Traductologie* das "Presses de l'Université d'Artois" em coedição com as "Presses de l'Université d'Ottawa" (coleção *Regards sur la traduction*) acaba de chegar um pequeno livro (108 páginas no total – introdução de 58 p., texto de 50 p.) que não vai deixar de fazer parte da biblioteca elementar do estudioso de tradução: trata-se do discurso de posse na Academia Francesa, em 10 de dezembro de 1635, de um de seus primeiros membros, Claude-Gaspar Bachet de Méziriac, e que foi publicado em 1715 com o título de "*De la traduction*".

Introduzido por uma apresentação detalhada e indispensável do Prof. Michel Ballard, especialista já bem conhecido no meio dos tradutólogos, o texto de Bachet de Méziriac certamente surpreenderá aqueles que – preconceito quase "natural" – pensam que o rigor e a exigência na tradução são invenções da moderna tradutologia. Com efeito, na leitura descobre-se em Méziriac um analista tão fino quanto rigoroso de um texto traduzido no século anterior (1559) "*Vie des hommes illustres*" de Plutarco, por Jacques Amyot. Este, letrado, professor de latim e grego, preceptor dos filhos do rei Henri II, ganhou, com essa tradução, a fama de "príncipe dos tradutores", fama que pode ser medida pelo reconhecimento, entre outros, de Montaigne. Méziriac, no seu discurso de posse, empreende pois a derrocada de um mito: a famosa tradução de Amyot é repleta de erros. Levantando mais de dois mil exemplos, classificando-os, em acréscimos, supressões e deformações, denunciando os erros de conhecimento da língua grega, as lacunas da cultura antiga de Amyot, Bachet de Méziriac não deixa dúvida: a fama de Amyot é indevida.

* Universidade de São Paulo.

A demonstração é incontestável, redigida numa língua precisa, argumentada como um paciente requisitório.

O texto de Bachet de Méziriac é um texto clássico. Na sua língua sóbria e precisa, na sua estruturação sem falhas, ele ilustra à perfeição um ideal de textos que vai grassar durante séculos na cultura francesa, e que Boileau definiu com a fórmula : *“Ce qui se conçoit bien s'énonce clairement”*. Podemos portanto ler esse texto como um dos primeiros textos de crítica de tradução, de ótima qualidade, tanto no que diz respeito à informação quanto à clareza de sua redação. A visão preconceituosa do século XVII como século das *Belles Infidèles* recebe aqui um desmentido irrepreensível.

Outras leituras podem ser feitas – que não escaparam a Michel Ballard: por que setenta anos depois se empenhar em derrubar a fama de um tradutor? Bachet de Méziriac justifica-se de antemão, argumentando que se trata de um dever de honestidade. Não se pode deixar no entanto de entrever aqui um acerto de contas, cujo embate vai atravessar o século XVII. Trata-se construir definitivamente a soberania da língua francesa e essa construção passa também pela rejeição dos escritores, poetas e tradutores do século anterior. Bachet acaba com um panegírico à glória do Cardinal, do Rei Louis XIV e do século. Simples precaução oratória? Nesse aspecto o texto mereceria ser computado no rol dos documentos indispensáveis para o entendimento da gênese tumultuada da língua francesa que viu, no mesmo período, nascer a Academia Francesa, o Dicionário de Furetière, a *Arte Poética* de Boileau, o Preciosismo, muitas obras fundadoras da tradição gramatical francesa, e todo o teatro francês clássico.

Um documento interessante para os estudiosos da tradução, e também para a compreensão da história da língua francesa.